

## Entrevista com a escritora portuguesa Ana Margarida de Carvalho

### Interview with the Portuguese author Ana Margarida de Carvalho

Pietro Gabriel dos Santos Pacheco<sup>1</sup>

**Resumo:** Ana Margarida de Carvalho, autora do livro *Não se pode morar nos olhos de um gato*, lançado em 2018, pela editora Dublinense. Possui três outras obras, ainda não publicadas no Brasil, são elas: *Que importa a fúria do Mar* (2013), *Pequenos Delírios Domésticos* (2017) e a obra infantil, *A Arca de É* (2015).

**Palavras-chave:** Processo Criativo; Escrita Criativa; Entrevista.

**Abstract:** Ana Margarida de Carvalho, author of *Não se pode morar nos olhos de um gato*, published in 2018 by Dublinense. She also wrote three other books, not published in Brazil yet, which are: *Que importa a fúria do Mar* (2013), *Pequenos Delírios Domésticos* (2017) and the children's book, *A Arca de É* (2015).

**Key words:** Creative Process; Creative Writing; Interview.

**P.P:** Primeiramente, eu gostaria de dizer que fiquei encantado pela forma de condução narrativa e evolução dos personagens, em *Não se pode morar nos olhos de um gato*. Além disso, a própria narradora que é genial. A partir destes pontos, faço a primeira pergunta: Como é o seu processo criativo?

**A.M.C:** Eu tenho uma ideia, mais ou menos do que quero escrever, seja de um lugar, ou de um período, no caso de *Não se pode morar nos olhos de um gato* (2018), a dificuldade de se olhar e compreender o outro, de se colocar na pele do próximo, seja ela semelhante, ou diferente. Inferioridade, conflitos sociais de uma época, mas que também podem ser transportados facilmente para o presente. A partir desta pequena luz, vão surgindo perguntas, ainda neste exemplo dado, como se dá a relação de pessoas que são obrigadas a ficar confinadas – pele com pele –, apesar do espaço

aberto – algo bem paradoxal, pois o mar as impede de ir longe, ou ficarem afastadas. E vou respondendo essas perguntas com o texto e, automaticamente, estou sempre me questionando sobre o próximo passo a ser dado. Vou encaixando perguntas e respostas à medida que escrevo e percebo um espaço para esta intervenção. O que me preocupa, às vezes, é a demora para resolver algumas questões, existe um leitor e devemos ter cuidado para não cansá-lo, ou tornar a narrativa enfadonha. É preciso que a gente convide o leitor para o nosso raciocínio, por partes tortuosas, como o pensamento humano. Nós pensamos de uma forma caótica. Me vêm sempre à mente a imagem de um cardume de peixes, nosso raciocínio é assim. Vai andando de modo único até que de repente, começam a se dispersar, inverte o seu curso e, posteriormente, acabam se encontrando novamente. Voltas e revira-

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduado em Licenciatura e Bacharelado em história pela PUCRS. Possui especialização em Literatura Brasileira (PUCRS). [prof.pietropacheco@gmail.com](mailto:prof.pietropacheco@gmail.com) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3450-7825>. Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre - RS, 90619-900



voltas. Esta é a minha maneira de contar a história, nunca indo direto, respondendo as perguntas, mas sempre seguindo um caminho não-linear.

**P.P:** Ainda dentro deste assunto, gostaria de destacar a narradora, uma santa que, em um primeiro momento, observa e vai contando de maneira muito superficial. Uso este termo porque estamos falando de uma imagem de madeira, logo ausente de sentimentos e profundidade emocional. O que a leva a questões como “Eu não posso narrar porque desconheço determinada sensação”, e acho isso sensacional! Pois este narrador que funciona como uma câmera vai mostrando ao leitor contextos, mas não detalhadamente, fazendo-nos questionar sobre cada uma das personagens e seguir lendo para descobrir quem realmente eles são. E, na segunda parte, já na ilha, você dá voz para essas pessoas e passamos a conhecê-las melhor, o melhor e o pior delas, pois a situação de naufrago traz a tona suas verdadeiras faces.

**A.M.C:** Sim. Foi meio arriscado a escolha desta narradora, pois não temos um protagonista na narrativa, mas sim pessoas e elas são más, porém a adversidade as obriga a desenvolver empatia com o outro. E o leitor observa as ações, podendo, ou não se identificar e torcer por elas, pois até a vítima possui algo de negativo. O escravo, por exemplo. Eu quis fazer um jogo com o leitor, já que em um primeiro momento temos a visão parcial dos fatos, ou aquela comum ao período e, quando ocorre o *plot twist*, ele começa a perceber quem realmente elas são e isso vai além da condição social de cada indivíduo. O leitor, por exemplo, pode pensar que o escravo é uma pessoa boa devido a sua posição, temos a tendência de idealizar bondade e maldade em pessoas, com base nas suas classes. Isso leva-nos a questionar e ficarmos perplexos, pois existe maldade até mesmo naquela figura mais sofrida. O ser humano é mal por natureza. E temos certa facilidade em criar histórias com base nas tragédias que ouvimos, fazendo destas vítimas personagens dotados de bondade extrema. A um lado selvagem e primitivo dentro de nós, camadas que são sobrepostas com coisas boas e que mascarem essa nossa faceta. O mundo não é perfeito.

**P.P:** Me fale um pouco sobre o teu livro, ainda não publicado no Brasil *O que importa a fúria do Mar* (2013).

**A.M.C:** Então é um livro sobre um conjunto de fúrias coletivas tem a ver com o furto de ações de marinheiros que, nos anos 1930, em Portugal, lutavam por alguma dignidade e ligado a isso, ocorreu a Revolta dos Marinheiros, mais ao norte de Lisboa, ao largo do Tejo. Este grupo de pessoas, ainda muito jovens foram espancados, torturados pela polícia da ditadura, sendo os primeiros a inaugurar o campo de concentração que Salazar criou em Cabo Verde. Ele escolheu para isso a zona mais insalubre cabo-verdiana para colocar este campo, que tinha por objetivo provocar a morte lenta dos revoltosos, por subnutrição, malária, falta de assistência médica. Existe o relato de um médico que diz: “Não estou aqui para passar receitas, e sim para assinar certidões de óbito”. E esses marinheiros eram muito jovens, máximo 40 anos. Hoje tem um memorial com o nome deles. E alguns sobreviventes conversaram sobre as formas terríveis de condição vivida naquele lugar. Temos duas personagens centrais, uma jornalista encarregada de relatar a versão sobre a Revolta pelo último dos sobreviventes. Separados pelo espaço, tempo e continentes, além da malária e o arame farpado, a conversa muda o destino de ambos que se encontram em uma estranha cumplicidade, à medida que partilham memórias insólitas, infâncias tristes e amores impossíveis. Ah, e eu estava dizendo que essas fúrias provocadas pela situação colidem com as internas. Essa primeira parece se sobressair sobre a segunda e eu vou trabalhando com essas misturas juntando duas épocas e duas vidas.

**P.P:** Interessante demais a temática. Torcendo para que chegue logo ao Brasil. Mas continuando, além dele, existe um livro infantil *A Arca de É* (2015). E eu te pergunto: quais são os desafios de se escrever para um público infantil, já que a faixa etária descrita é “para crianças até seis anos”?

**A.M.C:** Eu escolhi escrever para crianças em fase anterior à alfabetização para que essa estória pudesse ser contada por seus pais e incentivá-los ao gosto pela leitura. Para isso, foi necessário que eu pensasse na ilustração. Para este livro, uma das primeiras coisas que fiz foi a seguinte pergunta: “E se o senhor Noé,

aquele que colocou os animaizinhos na arca tivesse um irmão gêmeo? E se este irmão É, ao invés de salvar os animais, decidisse salvar os legumes?” (risos). É uma obra para o público infantil, você precisa dar um desconto (risos). E então, o senhor Noé é aquele que está sempre prevendo catástrofes e discutindo com animais, enquanto o senhor É é pacato que importa-se mais com seus legumes. É muito engraçado. E eu gosto de fazer sessão com as crianças, pois elas ainda conseguem nos surpreender e estão muito pouco contaminadas, o que torna a experiência muito gratificante. Eu lembro de uma vez que estava a explicar para uma sessão de crianças que quando decidimos escrever um livro, podemos inventar ele sobre o que quisermos. Nós nos tornamos uma espécie de deus. Nós podemos criar. E uma menina levantou o braço e perguntou: Se você pode fazer tudo o que quiser, então porque não colocou o senhor É como uma senhora?

**P.P:** (Risos).

**A.M.C:** (Risos). E eu falei para esta menina: “Muito bom!”. Eu mesma dizendo que se pode quebrar os estereótipos e caí no estereótipo de fazer um senhor É, homem, quando ela tinha toda a razão. Mas o que é engraçado – eu não sei se tu vai me perguntar depois sobre como é o de contos.

**P.P:** Era a próxima pergunta, mas se você quiser adiantá-la.

**A.M.C:** É que na conversa, eu cheguei à conclusão de uma coisa um pouco estranha para mim, e eu só consigo responde-la fazendo psicanálise, porque o primeiro livro *O que importa a fúria do mar* (2013) se passa em, em partes, em um campo de concentração, este infantil, se passa, partes, em uma arca, já o *Não se pode morar nos olhos de um gato* (2018) se passa, partes, em uma praia a céu aberto, mas que a condição geográfica torna a experiência claustrofóbica. E o de contos *Pequenos Delírios Domésticos* (2017), se passa em ambientes diversos, mas também de confinamento: uma casa, por exemplo. Percebi que, de maneira involuntária que o espaço fechado está muito constante na minha cabeça, a sensação de sufoco. E isso é meio perturbante, pois parece que estou escrevendo sempre sobre o mesmo livro.

**P.P:** Mas é possível ver essa temática do espaço fechado como elemento identitário da tua escrita. É algo que a torna reconhecível diante de outras obras. Você utiliza bem isso. Todos temos momentos de isolamento, ou fases de evasão. É normal. Isso faz, na minha opinião, com que pessoas se identifiquem com determinada situação e faça da literatura uma obra viva. Claro, sempre lembrando que é o mundo do texto, não o mundo real. Mas enfim, me diga que projeto você sempre desejou trabalhar e que, por alguma situação não conseguiu ainda realizar. Algo diferente, ou inusitado?

**A.M.C:** Há um exercício de escrita criativa muito interessante em Portugal que é assim: “escreva sobre uma aspirina efervescendo em um copo de água” (Risos). E as pessoas tem que imaginar. Alguns falam sobre a aspirina, outros sobre a dissolução, outros falam sobre as bolinhas. É bem interessante. Então, eu estou finalizando um livro que talvez responda essa pergunta: É sobre uma comunidade muito fechada do Alentejo, com condições de vida e de trabalho muito duras e coloco ela dentro do contexto de Guerra Civil na Espanha e eles estão no interior, junto à fronteira e eles vão apanhando ecos do confronto, abrigando refugiados. Como você sabe foi uma guerra muito sangüinária e os portugueses estavam ali na raia, fazendo contrabando, às vezes acolhendo fugitivos, em outros casos, entregando estes fugitivos. E esta comunidade acaba se confrontando com essa realidade.

**P.P:** Muito interessante. Quais são as dificuldades encontradas no processo da tua escrita? E, se pudesse dar um conselho para quem deseja se aventurar neste mundo, qual seria?

**A.M.C:** Escreva. Porque escrever é uma cadência, nem sempre vamos conseguir fazer algo que vai ter sucesso, mas é a nossa escrita.

**P.P:** E existe algum autor que te influenciou a querer escrever? Que você leu e disse: Eu quero fazer o que ele faz?

**A.M.C:** Tem sim, eu gosto bastante de Saramago, Lobo Antunes. Mas um que me marcou muito, mas que não me recordo muito bem é o da escritora Katherine Anne Porter que se chama *A nave dos Loucos* (1962) e este livro é um de presságio, as pessoas estão todas

fechadas em um barco, estamos em contexto nazista. E eu lembro de uma das perguntas feitas: Quem pode comer na mesa do capitão? Ou porque os judeus são obrigados a ficar “no cantinho”? Ou ainda, quem são aqueles que vão no porão do navio? Em certo momento um judeu pergunta a outro: “O que Hitler pode nos fazer? Matar-nos a todos?” E fica esta pergunta no ar. Eu estava sendo otimista, mas no final ele acaba matando a todos. E acho que é um livro que me ficou muito na cabeça. Sobre a Katherine, ela tem contos muito bons, mas é escritora de um livro só, pois o resto foram ensaios, reportagens jornalísticas.

**P.P:** Muito obrigado pela resposta e indicação. Para finalizar, gostaria de pedir para indicar três livros que você considera essenciais para a tua trajetória não apenas como escritora, mas como leitora?

**A.M.C:** Brasileiros eu adoro o Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade. Dos portugueses: Eu amo a escrita do Saramago, Lobo Antunes e a quebra das convenções gramaticais. A escrita é uma espécie de subversão. Mas acho que dou ênfase ao Jack London, aquele autor do livro *Martin Eden* (1909), que trata da corrida do ouro e do velho oeste. É a história de um moço que vai crescendo, ao mesmo tempo intelectual e cultural.

**P.P:** Com isso eu gostaria de encerrar essa entrevista, agradecendo o tempo e disponibilidade da escritora Ana Margarida de Carvalho. Muito obrigado.

Data de recebimento: 03/02/2019

Data de aceite: 17/05/2019